



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17731 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

**INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: NARRATIVAS DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA DE UM CURSO DE PEDAGOGIA**

Vvívian Almada Dutra Salmito - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Izabely da Costa Silva - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Giovana Maria Belém Falcão - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

**INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: NARRATIVAS DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA DE UM CURSO DE PEDAGOGIA**

---

## 1 INTRODUÇÃO

As políticas de inclusão para pessoas com deficiência (Brasil, 2008; Brasil 2015) e a expansão da universidade, a partir dos anos 1990, vêm possibilitando aumento considerável no número de estudantes com deficiência na universidade. Conforme o Censo da Educação Superior de 2020, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o número de matrículas desse público foi de 55.829, representando o percentual de 0,64 % da população universitária. No entanto, os desafios são enormes, e nem sempre a permanência e a possibilidade de ter uma educação que lhes garanta formação, nos mesmos moldes daquela que é oferecida aos demais estudantes, acontecem. Conforme afirma Souza (2024, p. 45),

Falar sobre educação especial numa perspectiva inclusiva, principalmente na Educação Superior, requer refletir sobre uma história marcada por desigualdades e contradições, e em espaços que estão sendo ocupado por pessoas que até pouco tempo atrás não tinham oportunidade de alcançar maiores níveis de escolaridade, evidenciando estruturas sociais e educacionais excludentes.

De acordo com Reis (2010), as ações propostas pelas instituições de educação superior têm sido melhor desenvolvidas nos processos seletivos, garantindo-se o acesso à educação superior. Essas propostas, no entanto, ainda não são efetivas no que se refere à permanência de alunos com deficiência, uma vez que, nem sempre, oferecem efetiva participação em igualdade de condições aos demais alunos, já que o provimento de condições de acessibilidade tem sido insuficiente.

Entendemos que a inclusão, em qualquer nível e modalidade de ensino, deve favorecer o desenvolvimento do estudante em seu sentido amplo. Nessa perspectiva, a inclusão de estudantes na educação superior precisa oferecer condições de acesso e permanência destes nas instituições, possibilitando-lhes uma formação de qualidade, que respeite suas especificidades.

Conforme Santos e Falcão (2020), a inclusão do público da educação especial demanda mudanças no plano pedagógico e atitudinal, exigindo reflexões e compreensões mais sistematizadas, a fim de possibilitar que a inclusão garanta, mais que o acesso à universidade, a permanência e a aprendizagem dos licenciandos.

Nessa perspectiva, indagamos: como a inclusão dos estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que apresentam alguma deficiência, vem acontecendo? Para responder a essa indagação, este estudo tem por objetivo compreender o processo de inclusão de duas estudantes de Pedagogia de uma universidade pública, a partir de cartas narrativas.

Este estudo, de natureza qualitativa, ouviu duas estudantes do referido curso que escreveram cartas, narrando sobre seus processos de inclusão em uma universidade pública estadual. Assim sendo, o escrito está organizado da seguinte forma: após esta seção introdutória, apresentamos o percurso metodológico do estudo; em seguida, evidenciamos os resultados e as discussões e, por fim, apresentamos as considerações finais e as referências utilizadas no texto.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Desde 2009, a UECE investe em ações voltadas para a inclusão de seus estudantes com deficiência, no entanto, tais ações careciam de maior estruturação e investimento, sendo somente no ano de 2021, que foi elaborado e aprovado o Regimento do Núcleo de Apoio à Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência (NAAI).

Em momento de visita ao NAAI, conhecemos as ações e os impactos que estas provocam na vida desses estudantes. O NAAI dispõe de equipamentos de última geração, como leitor de PDF, linha Braille, máquina de Braille, lupas, além de plataforma de comunicação alternativa, dentre outros equipamentos de tecnologia assistiva de alto custo e conta com uma equipe de seis auxiliares pedagógicos e auxiliares administrativos, três audiodescritores e oito intérpretes de Libras, além de coordenação e técnicos administrativos. Diante desse novo contexto, buscamos conhecer a realidade dessas estudantes e se estas, sentem-se atendidas em suas especificidades. A seguir, apresentaremos o percurso metodológico da pesquisa.

## 2.1 Caminhos Metodológicos

O caminho teórico-metodológico adotado neste estudo está amparado na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, por compreender o homem como único e em constante transformação. O estudo assume a natureza qualitativa, por permitir ao pesquisador maior aproximação com os participantes, e a estes, expressarem sua subjetividade, seus medos, desafios e expectativas. Segundo Flick (2013, p. 23), essa abordagem visa “a captação do significado subjetivo das questões a partir da perspectiva dos participantes”.

Utilizamos como instrumento metodológico cartas narrativas, que conforme Cabral e Sousa (2015) possibilitam reconstruir memórias pedagógicas, assim como trajetórias e práticas educativas em determinado momento histórico. A análise dos dados se deu por meio da análise textual discursiva (ATD), que segundo Moraes e Galiuzzi (2016) possibilita espaços de reconstrução dos diferentes elementos envolvidos no processo, compreendendo dessa forma os modos de produção e a reconstrução dos fenômenos estudados.

O estudo aconteceu na Universidade Estadual do Ceará (UECE), instituição com *campus* multi-institucional, presente em todas as regiões do Ceará. Para garantir o anonimato das participantes, não identificaremos o *campus* onde as estudantes estão matriculadas.

Para seleção dos participantes no estudo, elegemos os seguintes critérios: (i) estar regularmente matriculado no curso de pedagogia da UECE; (ii) ter alguma deficiência. A fim de sabermos quem eram esses estudantes, fizemos levantamento junto ao NAAI dos estudantes matriculados no curso de Pedagogia e seus referidos contatos.

De posse desse relatório, elaboramos questionário via *Google Forms*, com o intuito de obter mais informações sobre o perfil dos estudantes. Enviamos e-mail a todos os identificados como estudante com deficiência do curso de pedagogia. Dos 17 alunos com matrícula ativa, apenas 3, responderam ao questionário e aceitaram participar da entrevista. No entanto, apenas duas estudantes participaram desse momento, pois um dos estudantes não

conseguimos mais contato.

As participantes possuem deficiência intelectual e surdez (sendo oralizada). Solicitamos às duas participantes que escrevessem uma carta e nos levassem no dia da entrevista, contando sobre seu processo de inclusão, destinando-a a um professor específico ou aos professores de modo geral da universidade em pauta. Para este estudo, nosso olhar se deteve nas cartas que serão analisadas a seguir.

### **3 Resultado e discussão**

Apresentamos a produção de dados da pesquisa por meio de categorização, subdividindo-os em duas categorias centrais. Na primeira categoria, as participantes relataram os desafios enfrentados na universidade, e na segunda categoria relataram a relação com professores e colegas do curso. Para preservar o anonimato, identificamos as participantes com as siglas E1, estudante 1, que tem surdez, e E2, estudante 2, com diagnóstico de deficiência intelectual.

#### **3.1 Desafios enfrentados na universidade**

Em suas narrativas, as participantes trazem alguns desafios vivenciados na escolarização na educação básica e na universidade; em ambas as cartas, as dificuldades de acessibilidade e o pouco conhecimento por parte dos professores sobre a atuação com estudantes com deficiência são marcas presentes. As estudantes não mencionaram o NAAI em suas cartas. Conforme Bandeira (2020), ainda há muitos desafios a serem vencidos na Educação Superior no que se refere à inclusão de estudantes com deficiência, dentre eles destaca a falta de informação sobre esse público por parte de toda a comunidade acadêmica e a carência de formação dos professores. Sobre desafios enfrentados na universidade, E1, estudante com surdez, afirma:

*quando entrei na UECE enfrentei muitas barreiras por conta da minha deficiência e tinha muitas dificuldades em lidar com elas, porque eu aprendi, eu, sozinha a me adaptar. Muitos professores sequer sabiam que eu tinha deficiência (E1).*

A referida estudante citou ainda a emoção que sentiu ao iniciar a disciplina com uma professora que, logo no primeiro dia de aula, perguntou aos estudantes se alguém apresentava alguma demanda e se necessitava de algum suporte de apoio, fator este que tocou profundamente a estudante. Essa afirmação se ampara no que ela relatou sobre já estar acostumada a ser invisibilizada pelos professores, os quais, em muitos momentos, pediam aos estudantes com deficiência que se

esforçassem mais, negligenciando o suporte necessário que estes precisavam para uma formação de qualidade, transferindo, assim, a responsabilidade para os próprios estudantes. Nesta perspectiva Lima e Souza (2020) explicam que ao transferir para o estudante a responsabilização por seus processos de aprendizagem em função da deficiência, o docente adota um modelo médico para compreender a deficiência e olha para o aluno de forma superficial, sem levar em conta a totalidade desse ser, o contexto social no qual está inserido e as condições da realidade objetiva.

Diante de tantas dificuldades enfrentadas, E1 relata que passou a informar aos professores, no início de cada disciplina, sobre suas questões específicas de aprendizagem. Essas questões também foram evidenciadas na pesquisa de Souza (2024), em que participantes relataram que “as barreiras atitudinais se constituem como as principais em seus processos formativos, o que tem comprometido a inclusão e participação em todas as dimensões da universidade”.

A estudante E2, que tem deficiência intelectual, relata muitos desafios enfrentados na universidade, sendo que estes se apresentaram desde o ingresso, com as muitas tentativas que fez para passar no vestibular da instituição que dispõe apenas de uma cota para estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação. Ela narra:

*O meu ingresso na faculdade foi um pouco difícil, pois tentei três vezes, pois na primeira fiquei nos classificáveis, na segunda zerei a redação por causa de um simples erro na hora de marcar e na terceira consegui por muito esforço, entrei como cotista por PCDs no curso de pedagogia, onde só existia uma vaga e doze candidatos, fiz todo o procedimento e muito demorado mais consegui cumprindo todos os editais em todos os vestibulares que fiz para a Uece.*

Ao iniciar o semestre na UECE, outros obstáculos surgiram, e ela passou um ano e meio sem conseguir acompanhar as aulas, já que muitos professores não sabiam sequer de sua deficiência. É importante dizer que somente em 2023 a universidade passou a incluir na caderneta do professor um item informando se o aluno é pessoa com deficiência e qual a deficiência, portanto, a situação relatada pela estudante, aconteceu antes desse período.

Um dos momentos cruciais que E2 trouxe em sua narrativa escrita, refere-se a uma disciplina na qual a estudante solicitou à professora um ledor e uma sala separada para a realização da prova e mais uma vez não teve sua demanda atendida. E2 conta que a professora disse que não podia oferecer esse suporte apenas para ela. De acordo com Souza (2024), as barreiras atitudinais são as mais difíceis de serem removidas, pois exigem mais do que transformação estrutural da

universidade, exigem mudança cultural e nos sentidos de como as pessoas entendam as diferenças.

Depois do ocorrido, a estudante, sua mãe e uma professora do curso, solicitaram reunião com a coordenação, momento em que foi esclarecido sobre as situações vivenciadas e o que a estudante necessitava. A partir da reunião, novos caminhos foram traçados para que houvesse maior acessibilidade e inclusão para a estudante. Coadunamos com a afirmação de Bezerra (2022, p. 272), quando esta defende “a necessidade de se fazer um trabalho de sensibilização dos professores para trabalharem o estudante com deficiência. Sem essa sensibilização, torna-se quase impossível se pensar em inclusão”. Complementa afirmando: “É preciso banir, desmistificar, extinguir práticas excludentes dentro da universidade” (Bezerra, 2022, p. 272).

Salientamos que não atribuímos ao professor a responsabilização por todas as dificuldades pela inclusão dos estudantes, afinal é preciso ampliar os investimentos em políticas de inclusão, em recursos e tecnologias que favoreçam esse processo, em ações estruturais, além de assegurar melhores condições de trabalho para os professores, no entanto, é urgente que se invista na formação de professores, a fim de possibilitar conhecimentos técnicos e, principalmente, mudanças no modo de significar e atuar junto aos estudantes público da educação especial.

### **3.2 Relação com professores e colegas do curso**

Ao solicitarmos a escrita das cartas, orientamos que poderiam escrever para um professor específico ou para os professores de modo geral. E1 escreveu para uma professora que, para ela, contribui de forma muito positiva em seu processo na universidade. E2 fez uma carta dirigida a todos os professores. Ambas comentaram ainda sobre aspectos da relação com os colegas do curso de pedagogia.

A participante E1 destaca com muita emoção o apoio recebido pela professora e como se sentiu acolhida pela docente, que desde o 1º dia de aula oportunizou que ela se expressasse. Sobre esse momento, E1 narra: [...] “*Quando você me abriu a oportunidade antes de eu pedir, constrangida e com medo, meus olhos brilharam e notei que essa disciplina teria espaço para mim*” (E1). Sobre a importância de ouvir as pessoas com deficiência, Glat e Plestch (2009) apontam que é preciso “falar com eles” e não “sobre eles”.

Contando sobre a relação com os docentes do curso E2 narra:

*A minha relação com os vinte e seis professores que tive desde o ingresso na faculdade em 2022.1 foi ótima, só teve no começo algumas exclusões de que eles não faziam inclusão certa, pois acho que não tinham conhecimento que eu era uma aluna com deficiência (E2).*

Mesmo não sendo atendida em suas necessidades, como evidencia em outros momentos de sua narrativa, E2 descreve a relação com os professores como “ótima”, o que aparece indicar que a estudante naturaliza certas posturas na relação com o outro.

Ainda narrando sobre como a professora foi importante para que se sentisse mais segura em seu processo de aprendizagem e, de modo particular, sobre a escrita, E1 expressa: *“Eu tinha muita insegurança com minha escrita, tinha medo de que minha temática não fosse interessante, mas você me incentivou, me ensinou a ter mais confiança na minha escrita, nas minhas vivências e escritivências”.*

Esse apoio resultou na produção de um artigo, que foi aprovado para apresentação em um evento e, posteriormente, E1 foi selecionada como bolsista de Iniciação Científica da referida professora. A fala de E1 denota a importância de o professor valorizar as potencialidades dos estudantes e não ficar preso nas dificuldades em função da condição de deficiência, como nos ensina Vigotski (2012).

Ainda sobre essa relação com os professores, E2 afirma: *“Irei levar para a minha vida tanto acadêmica como pessoal duas professoras que são inclusivas, que a coordenação não precisa conversar com elas, pois desde o começo elas já percebiam” (E2).*

Segundo relata E2, essas professoras não mediam esforços para atendê-la em suas necessidades e fizeram-na evoluir em sua vida acadêmica. Resta evidente que as ações ainda são pontuais e particulares àquelas professoras mencionadas.

Sobre a relação com os colegas de turma, E2 narra:

*em relação aos meus colegas e a minha amizade sempre fui bem acolhida por todos, nunca me excluíram e sempre me apoiaram em tudo, todos os meus trabalhos acadêmicos faço com dedicação e sempre faço com o mesmo grupo de amigos, pois lá na sala cada um tem seu grupinho desde o início do curso (E2).*

E1 também destaca a boa relação com os colegas, informando que, atualmente, ela é da diretoria do centro acadêmico do curso. O bom relacionamento

com colegas é aspecto imprescindível no processo de inclusão, fazendo com que o estudante se sinta acolhido e participe do grupo.

#### **4 CONCLUSÃO**

O estudo possibilitou a compreensão do processo de inclusão de duas estudantes com deficiência ao ingressarem no curso superior em um curso de pedagogia de uma universidade pública. Ao analisar as cartas, percebemos que as duas estudantes apresentaram questões comuns a outros estudantes, como as dificuldades observadas de alguns professores em lidar com suas especificidades, a presença de barreiras atitudinais e a falta de um apoio mais amplo por parte da instituição de ensino.

Reconhecemos, como exposto, que a universidade já adotou novas estratégias para atendimento aos estudantes com deficiência, mas consideramos que medidas maiores precisam fazer parte desse processo, a fim de que todos os estudantes tenham suas demandas atendidas.

Ressaltamos, por fim, a importância da formação de professores como espaço promotor do diálogo entre pares e a busca por estratégias que oportunizem o trabalho na perspectiva inclusiva, atendendo às diferenças existentes no cenário educacional.

#### **REFERÊNCIAS**

BANDEIRA, Luana Lopes. **Olhar de discentes com TEA e de seus docentes sobre o processo de inclusão na UNB**. 2020. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2020.

BEZERRA, Tarcileide Maria Costa. **Docência e inclusão do estudante com deficiência na Universidade Estadual do Ceará (UECE)**. 2022. 364 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

BRASIL. Ministério de Educação [MEC]. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Lei de nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de



Inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Brasília, DF: 2015. Disponível em: <https://maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Guia-sobre-a-LBI-digital>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise. O método de história de vida em pesquisas sobre auto-percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. **Revista Educação Especial**, v. 22, n. 34, 2009.

LIMA, Tamara; SOUZA, Leandro Aparecido. O Fracasso escolar à luz da teoria histórico-cultural: Reflexões acerca da culpabilização do aluno. **Colloquium Humanaru**, n. 17, p. 137-150, 2020

MORAES, Roque; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016. 264 p. (Coleção Educação em Ciências).

REIS, Nivania Maria de Melo. **Política de inclusão escolar de pessoas com necessidades educacionais especiais no ensino superior e as universidades federais mineiras**. 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2010.

SANTOS, Geandra Cláudia Silva; FALCÃO, Giovana Maria Belém. Formação de professores e inclusão escolar: uma tarefa em construção. *In*: Santos, Geandra Cláudia Silva; FALCÃO, Giovana Maria Belém (orgs.). **Educação especial inclusiva e formação de professores: contribuições teóricas e práticas**. Curitiba: Appris, 2020.

SOUSA, Maria Goreti da Silva, CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

SOUZA, Elivana Vieira de. **Sentidos sobre a formação inicial a UECE/FECLI: o que dizem licenciandos com deficiência?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2024.

VYGOTSKI, L, S. **Obras escogidas**: fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 2012.